

Um Olhar Sobre a Obra de Manuel Tiago/ Álvaro Cunhal

Patrícia Mata,
aluna do 4º ano do Curso de Tradução da Universidade Lusófona

Manuel Tiago, pseudónimo literário do político Álvaro Cunhal (nascido Álvaro Barreirinhas Cunhal, em Coimbra, a 10 de Novembro de 1913, e falecido em Lisboa, a 13 de Junho de 2005), tem uma vasta obra literária baseada em experiências de luta clandestina pelo Partido Comunista Português (P.C.P.). Os trabalhos de Manuel Tiago não se resumem apenas a contos, encontrando-se, também, uma novela — *Cinco Dias, Cinco Noites* realizada para cinema, em 1996, por José Fonseca e Costa — e alguns romances, dos quais o mais conhecido será *Até Amanhã, Camaradas* (inicialmente chamado *A Mulher do lenço Preto*), recentemente adaptado para o pequeno ecrã por Joaquim Leitão. Apesar de hoje sabermos que Manuel Tiago é Álvaro Cunhal, pouco se sabe sobre este autor, uma vez que o político fez sempre questão de separar os dois homens: ou se falava com o escritor, ou com o Secretário-Geral do P.C.P. — não eram a mesma pessoa. Creio, que tal situação se deve ao facto de Manuel Tiago ser apenas o escritor, ou seja, alguém que transmite uma história, que transforma uma possível realidade em ficção, enquanto que Cunhal é o homem, o líder, o dirigente a quem apenas a política (no seu sentido mais lato) interessa e não hipotéticos acontecimentos de camaradas no passado.

Ao lermos, no entanto, as obras de Manuel Tiago, penso que não nos podemos esquecer de fazer um paralelismo com a vida de Álvaro Cunhal e, quem sabe, considerá-las se não como a(s) sua(s) autobiografia(s), pelo menos como relatos de momentos/fases da sua vida. Aliás Urbano Tavares Rodrigues no seu livro *A Obra Literária de Álvaro Cunhal/Manuel Tiago* vai ao encontro desta ideia ao escrever: «...os romances, novelas e contos, editados com o

pseudónimo de Manuel Tiago, reflectem muito do que Cunhal viveu, viu e conheceu por dentro como poucos mais...».

Assim, no livro *Até Amanhã, Camaradas* assistimos ao relato da vida clandestina, à organização e consolidação do Partido Comunista em território Nacional, à luta não só de classes mas, também, por melhores condições de trabalho (representada pela greve de 1943). Em *A Estrela de Seis Pontas* é-nos apresentado, através de vários personagens e episódios/situações pontuais, o relato de vida na Penitenciária de Lisboa nos anos de 1940-50, época que coincide com aquela em que Cunhal esteve lá detido. N' *A Casa de Eulália* somos confrontados com a experiência em Espanha aquando da Guerra Civil daquele país de 1936-39. O livro *Um risco na Areia* relata «a maioria silenciosa», isto é, os acontecimentos do (ou que levaram ao) 28 de Setembro de 1975. As obras *Cinco Dias, Cinco Noites; Fronteiras; Sala 3 e outros contos; Os Corrécios e outros contos; e Lutas e vidas — Um conto* têm todas um substrato em comum, no sentido em que as temáticas focam experiências de prisão, passagens de fronteiras/fugas e a vida clandestina.

Para finalizar, creio que estas obras escritas por este autor tornam-se mais credíveis (mesmo num sentido histórico), pois se a experiência narrada não foi vivida na primeira pessoa, foi por alguém próximo do autor. Tal situação leva a que se conheça realmente o espaço e o ambiente a relatar conferindo credibilidade aos factos – existe um verdadeiro conhecimento de como as situações realmente aconteciam. O próprio Manuel Tiago, na sua nota de autor ao livro *Fronteiras*, de 1998, escreve: «...se o leitor acreditar que as coisas se passaram como são narradas, pode estar certo de que não se engana em relação à verdade histórica».